

VILÉM FLUSSER

No curso da presente aula pretendo atacar o problema, diante do qual a nossa herança judia nos coloca, de um ângulo um pouco diferente. A última aula representava a tentativa de definir essa herança e de descobrir-lhe os traços mais importantes do nosso ponto de vista de ocidentais tardios. A presente aula será dedicada ao esforço de localizar essa herança dentro do conjunto de conceitos e valores que perfazem a situação intelectual e espiritual da atualidade. Para tanto permitam que resuma o resultado da última aula: O judaísmo como herança do Ocidente foi definido como aquele projeto existencial que brotou de certos mitos, e mais especialmente do mito do monte Sinai, um projeto que se realizou nos ritos fixados no Velho Testamento e se tornou auto-consciente na profecia, e deve ser considerado como completado aproximadamente no século dois antes de Cristo. Os dois traços fundamentais desse projeto foram caracterizados pelos termos "mitsvá" e "emuná", ou seja, muito aproximadamente, "obra" e "fé", ou ainda "dignidade" e "fidelidade". Foi tentada a demonstração de como surgiram estes dois traços da ontologia judia, e como resultaram numa ética que oscila entre os polos da justiça e do pecado, e numa estética que oscila entre os polos da pureza e da vergonha. A presente aula será dedicada ao estudo desses dois traços na cena da atualidade. Todos os demais conceitos e valores judeus me parecem subordinados a esses dois, e o seu estudo fica portanto relegado para aulas futuras, quando serão discutidos os elementos que ao meu ver perfazem o pensamento do Ocidente.

Falei, logo de início deste curso, na crise do Ocidente. Disse que um dos aspectos dessa crise é o esvaziamento dos seus conceitos e dos seus valores. Os dois conceitos em estudo, a saber "obra" e "fé", sofreram o processo de esvaziamento ao qual me referi no início deste curso. Será portanto necessário considerá-los primeiro em sua plenitude, para depois compará-los com a forma esvaziada na qual se apresentam atualmente. A presente aula será portanto, de certa maneira, uma história do Ocidente como história do esvaziamento desses dois conceitos. Ou reformulando, será a história da realização da dignidade e da fidelidade. Se esta aula tiver êxito, a nossa situação nos aparecerá como a situação da dignidade alcançada e da fidelidade mantida. A ironia com a qual pronuncio esta afirmativa, e com a qual os senhores a recebem, prova vivencialmente como somos indignos da nossa herança judia e como deixamos de ser fieis a ela. Em outras palavras: prova que já quase abandonamos o Ocidente. Embora os dois conceitos "obra" e "fé", "dignidade" e "fidelidade" estejam intimamente ligados entre si, de modo que um seja inconcebível sem o outro, pretendo considerá-los separadamente, para sintetizá-los somente no fim da aula. Começarei pela consideração do conceito "emuná", um conceito que a palavra latina "fides" traduz de maneira feliz e fiel, (se me permitem um jogo de palavras um pouco malicioso). Kant diz na Crítica da razão pura: "Era preciso que eu supere (aufheben) o saber, para conceder lugar à fé" e Nicolai Hartmann diz na Ética: "A fé cega é a maior prova de força moral. Muitos se crêm capazes da amizade, mas perdem a fé no amigo na primeira oportunidade, na qual fatos evidentes depõem contra o amigo. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~". Estas duas citações caracterizam maravilhosamente bem o conceito que pretendo discutir com os senhores. Bem entendido, o conceito em sua plenitude, não na sua forma esvaziada na qual se apresenta atualmente. Kant mostra que a fé surge quando o saber é superado, que a fé é portanto posterior ao saber, e não anterior a ele. Hartmann mostra que a fé é cega, não no sentido de não ver, mas no sentido de não querer ver o evidente. A minha fidelidade ao amigo é fidelidade justamente porque supera a evidência em contrário, é o "credo quia absurdum", o "tenho fé justamente porque é absurda". A fé definida assim, como superação antitética do saber e como atitude absurda, é um conceito tipicamente judeu. Na Índia e na China não existe fé neste nosso sentido, e as religiões orientais não são portanto religiões em nosso sentido. E os gregos tem o conceito "areté" (virtude), um conceito que invadiu, no curso da história do Ocidente, o território da fé judia. Mas "areté" é um conceito razoável e pálido, nada tem do fogo flamejante e ardente que inspira a fé judia. Desse ardor que fez com que o hereges tenham subido às fogueiras cantando, mas que fez também com que os ortodoxos tenham aceso as fogueiras cantando, desse ardor que resultou nesses autos da fé, desse ardor terrível quero falar aos senhores.

VILÉM FLUSSER

sociedade humana e/ou as camadas inconscientes da psique são concebidos como sendo o núcleo da realidade, mas não ousamos mais dizer que a fé se transfere para estes dois núcleos, já que eles não conservam quase nenhuma dimensão do transcendente. É que na sociedade e no subconsciente a fé está totalmente realizada, sem deixar nenhum resíduo do absurdo. A sociedade e o subconsciente são em tese totalmente isentos daquele ardor que caracteriza a fé, são totalmente auto-suficientes. Se ainda temos mártires da sociedade e do subconsciente, e se, com efeito, são estes mártires os que caracterizam o nosso tempo, como por exemplo Trotsky e Kafka, isto se deve aos últimos restos de fé que ainda inspiraram essas realizações completas. Porque já podemos vislumbrar a sociedade completa e o subconsciente completamente consciencializado, portanto a última realização do cristianismo. A segunda vinda do Messias se tornou superflua, está realizada na felicidade integral da sociedade e na psique totalmente realizadas. O projeto do Ocidente está, do ponto de vista da fé, inteiramente alcançado. Mas neste instante acontece uma reviravolta curiosa. A realidade cheia e integral alcançada por este projeto causa-nos, ao invés de felicidade, nojo. A sociedade perfeita, a tecnologia perfeita, a felicidade alcançada por métodos analíticos, causam-nos tédio e nojo. E isto é uma outra maneira de dizer que estas realidades perfeitas deixaram de ser realidades. A fé é a nossa capacidade de captar a realidade. Quando a fé se realiza, quando se esvazia, a realidade desaparece. E surge um novo absurdo. Não o absurdo da fé, mas o absurdo da não-fé. E com esta observação abandono este argumento.

Consideremos agora a história do Ocidente como a história das obras. É o conceito "mitsvá" que agora quero apresentar-lhes. É um conceito intimamente ligado ao da transformação, originalmente no sentido do Evangelho: "Sereis transformados". O esboço da carreira da fé no Ocidente que acabo de lhes propor facilita a minha tarefa no campo da obra, já que se trata de duas carreiras paralelas e entrelaçadas. No início de sua carreira é a obra idêntica ao sacrifício, tal como se conserva ritualmente na missa. O sacrifício, isto é o trabalho sagrado, é a transformação do vinho em sangue, e os cristãos primitivos, ao se sacrificarem, se transformaram em "novos homens", e nisso residia a sua obra. Infelizmente não disponho de tempo para ilustrar essa obra, e a importância que para ela tinha o "agape", esse amor laborioso. Só quero dizer que "omnia vincit amor" e "omnia vincit labor" são sinônimos nesse estágio pleno da obra. A obra, isto é o sacrifício pelo amor, transformava o existencialmente desinteressante em realidade. Não havia portanto, nesse estágio, diferença entre fé e obra, e a dicotomia obra: fé ainda não existia. Pelo contrário, a obra era o aspecto existencial da fé, e a fé era a força motriz da obra. E a obra era absurda tanto quanto a fé, porque o sacrifício é essencialmente absurdo. Ao contrário da atividade razoável, era a obra uma atividade absurda, e a atividade razoável era, por isso mesmo, pecaminosa.

Na Idade Média a obra mudou de caráter, embora tenha conservado algo do seu aroma de sacrifício primitivo. Os dois obreiros ou operários típicos da Idade Média são o monge e o cavaleiro. Obediência, pobreza e castidade são as três condições da obra. Elas iluminam a tendência da obra. Em uma palavra: a tendência é a caridade. As obras de caridade atuais são os resíduos da Idade Média em nosso meio, evidentemente inautênticos na maioria dos casos. A obra tende, nesse estágio, para a transformação do mundo evidente em ponto de partida para o mundo da realidade. É uma obra pedagógica no mais amplo sentido dessa palavra. É pelas obras que o homem prepara o seu lugar no céu, e são as obras que o acompanham, como únicas testemunhas da sua vida terrestre, quando se apresenta ante o juízo divino. Com efeito, as obras são a razão da vida terrestre, porque com elas a vida terrestre adquire um significado extra-terrestre. O fato de que essas obras transformam também o mundo secular é puramente acidental e isento de significado. As obras são as marcas do caminho cansativo do homem rumo ao céu. Mas existe um outro caminho. O caminho direto e glorioso da fé, que é concedido pela graça divina. Reparem que a dicotomia obra: fé surgiu para jamais abandonar o Ocidente.

Na Idade moderna a obra virou transformação do mundo evidente, primeiro transformação da natureza, mais tarde transformação do homem na sociedade e transformação da psique humana. A obra adquire o significado de "trabalho realizado"

VILÉM FLUSSER

no sentido moderno. Neste sentido é uma ponte, ou uma Companhia de seguros ou um livro sobre as pepsinas uma "obra". Ou, se quiserem, esta própria eu-la é uma obra. Nada mais conserva do seu aspecto de sacrifício, é totalmente profana. É verdade que o trabalho produtor das obras é enaltecido e santificado tanto pelo capitalismo como pelo socialismo, como testemunho dos últimos vestígios sacrificais que a ele aderem. Mas não é menos verdade que a tendência é de desprezar o trabalho, já que a civilização tecnológica consiste de "labor saving devises" (truques para poupar trabalho) e que Marx chamou o trabalho de "vergonha da cultura". É um fato que o trabalho como tendência para satisfazer desejos, ou ainda para criar desejos a serem satisfeitos, resulta na total profanação da obra. E a obra profana é, por isso mesmo, degradante e diminui a dignidade humana. Trabalhar é uma atividade indigna, e é por isso que a relegamos primeiro aos animais, mais tarde às máquinas e aparelhos. O enaltecimento do trabalho humano é, atualmente, uma atitude profundamente inautentica e mentirosa. De qualquer forma não é mais possível dizer que o trabalho e a obra dão significado à vida humana. Tendo sido despojada do seu aspecto sacral e sacrificial, é a obra atualmente um conceito existencialmente ôco.

A indústria avança rapidamente em direção da total transformação da natureza, a sociedade avança em direção da total transformação do homem, e as pesquisas psicológicas começam a movimentar-se em direção da total transformação da psique humana. Dentro em breve alcançaremos um estágio no qual essa transformação se automatizará e continuará a funcionar por impulso próprio sem interferência humana. O trabalho humano e a obra humana terão sido superados. O conceito da obra, por ter sido totalmente realizado, terá sido totalmente esvaziado. Não será mais realizada obra nenhuma, não somente porque não haverá motivo para realizá-la, mas ainda porque não haverá o que transformar em obra. O motivo para realizar obras é, como disse, a fé, e não haverá fé para motivar obras. E a transformação que é a obra pressupõe uma realidade dentro da qual a obra tende, e essa realidade não haverá, já que não haverá fé para estabelecer a obra. A civilização tecnológica, a sociedade planejada e a psicologia compreensiva ("verstehende Psychologie") representam o esvaziamento, por realização total, do projeto do Ocidente, do ponto de vista da obra. Como vêm os senhores, fé e obra são conceitos interligados. Não me aprofundarei na discussão dessa relação entre os dois conceitos, embora essa discussão seja muito interessante. Não o farei, porque creio ser superada essa discussão pelo desenvolvimento do Ocidente. De certa forma é a história do Ocidente um pêndulo entre obra e fé, entre Agostinho (fé) e Tomas (obra), entre Calvino (fé) e Marx (obra), mas já que ambos os extremos do pêndulo se tornaram ôcos, reuniram-se os dois conceitos numa união que é o avesso da união plena no cristianismo primitivo. O círculo ritual que é a civilização ocidental parece querer fechar-se na sua origem, embora do lado avesso, e a grande festa do Ocidente volta, no seu epílogo, ao prólogo para completar-se. Nisto talvez reside a sua "emuná" (fidelidade) e a sua "mitsvá" (dignidade). Apresso-me, expostas as premissas, para tentar quebrar o círculo angustioso que esta aula desenhou, qual círculo de giz caucasiano, em redor desta sala, num esforço violento de exorcismo. Rebelo-me contra o esvaziamento da fé e da obra, e quero arrastar os senhores nessa rebelião à qual estou dedicado. Não admito a minha infidelidade e luto por minha dignidade, embora talvez essa minha revolta seja, ela própria, traiçoeira e indigna. É com efeito contra Camus e contra Ferreira da Silva que me revolto. Não creio que a fé, tal como foi projetada pela nossa civilização, tenha sido esgotada. É tão somente um único aspecto da fé que tem sido esvaziado. A própria absurdidade daquilo que chamam "realidade" por aqui, é capaz, ao meu ver, provocar uma fé nova e estabelecer uma realidade nova. Uma fé nova não no sentido de fé alheia ao Ocidente. Não creio que fugas para o Oriente resultarão em autênticas saídas novas. Mas uma fé nova no sentido de retomada de contacto com a fé primitiva. O absurdo daquilo que nos cerca abre de novo uma abertura para aquilo que nos estabeleceu, cria em nós um novo espanto. É desse espanto que surgirá a nova fé que tenho em mente. E esse nova fé trará consigo um novo ardor, capaz de

VILÉM FLUSSER

motivar novos sacrificios, novas realizações, novas obras. Não digam os senhores que estou me tornando místico, ou que estou delirando. Veja os primeiros passos na direção por mim intuída na cena da atualidade. O pensamento existencial, a análise formal e poética da língua, a arte nova, enfim a nova atitude do homem ante o indizível que o cerca, são para mim sintomas de uma renovação do Ocidente em novo plano ontológico, em nova camada de significado. Na grande conversação que é o Ocidente os conceitos "fé" e "obra" se esvaziaram e deixaram em conversa fiada, porque por essa conversação foram realizados. Mas foram realizados tão somente em algumas poucas camadas de significado. É preciso abrir novas camadas, para que a conversação não estagne. É preciso retomar contacto com as nossas origens, para que uma nova inspiração poética revivifique o projeto que somos. E estou vendo em meu redor as primeiras tentativas nesse sentido. Nós no Brasil, no extremo Ocidente, temos um papel talvez decisivo a desempenhar nessas tentativas. A Bienal, Guimaraes Rosa, Vilalobos, o próprio Vicente Ferreira da Silva são os pontos de partida para uma nova fé e para a realização de novas obras, para só mencionar uns poucos fenômenos, embora encorajadores. Este curso de aulas é uma tentativa, embora modesta e limitada, na mesma direção indicada pelos grandes e inspirada pela revolta ao absurdo que nos cerca. Em breve: é um novo empenho, um novo engagement, para o qual lhes convido, um empenho em prol da fidelidade e dignidade das quais tratou esta aula.